



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/seguir-sapos-festa-animal/>

## Seguir os sapos: uma festa animal

Wallace Fauth[1]

*A experiência de residir em uma disciplina artística transformadora, em meio aos fluxos da passagem de tudo, relatada por um aluno que se vestiu de jornalista a fim de seguir um curso ininterrupto de devires.*

“Quando se entra em uma classe de filosofia, tem-se que estreitar relações com um universo inteiramente distinto daquele que se deixou lá atrás, na rua” – disse o rapaz, pouco antes de 1906, na introdução de sua tese. William James contou essa história na primeira de suas oito conferências que se transformaram no livro “Pragmatismo”, para mostrar o quanto a experiência cotidiana distanciava-se daquele mundo acadêmico: “uma espécie de templo marmóreo brilhando no alto de uma colina” (James, 1979).

O que acontece hoje na disciplina JC-012, *Arte, Ciência e Tecnologia*, conduzida pela professora Dra. Susana Dias e pelo professor Dr. Paulo Teles é um movimento bem diferente do que James via desenrolar-se em seu tempo, na queixa daquele estudante universitário. Narrar isso é o meu objetivo com esta notícia-experiência artística.

A ideia de que as aulas fariam parte também de uma residência artística já começou a me afetar antes mesmo de iniciarem. Eu já não queria ser apenas um aluno como aquele de 1906 a “cursar uma disciplina”, mas um artista que também “morasse” ali por algum tempo. Uma residência artística é mesmo isto: enquanto as águas passam, os artistas ali *residem* em meio aos fluxos da passagem de tudo, existindo enquanto são afetados por esse “curso” ininterrupto de devires. Nunca havia pensado em uma disciplina como lugar de habitação: um artista a habitar um fluxo. Aproveitei que estava em um laboratório de jornalismo, o Labjor, vesti-me como jornalista investigativo e fui viver essa experiência junto aos residentes. Minha produção? Uma notícia, talvez, ou seja lá que nome poderemos sugerir para esta escrita que acompanha os acontecimentos. Silvana Sarti, uma



das artistas residentes, diria que esse habitar é “um mergulho na alma de todas as coisas” (Sarti, 2020). Enfim, residir é ficar por um tempo. Engravidar-se de tudo e depois.

Recebi um convite que que foi um verdadeiro chamado: uma conversa-oficina no ateliê Serafina.

Era na parte da manhã, no mesmo dia em que começaria a primeira aula da disciplina:



Imagem de divulgação. Fonte: Instagram. Krucken, 2023.

O primeiro dia de aula, portanto, para mim, já havia começado antes mesmo da própria aula. Muito antes, aliás, esse dia parece ter iniciado. Desde a época em que um papel vegetal do arquiteto Oscar Niemeyer emergia com o desenho de um projeto para a cidade de Campinas. No início dos anos 1950, brotava o Edifício Itatiaia, com esquadrias e vidros em três alturas, compondo um ambiente com pé direito de 3 metros, cuja consequência, no futuro, será encher com a claridade do dia o Ateliê Serafina, de Valéria Scornaienchi, na Campinas de 2023, onde acontecia aquele encontro solar estampado no convite: uma conversa-oficina com Lia Krucken e com o seu livro “imagem-rainha”.

A “imagem-rainha é o que fica de um sonho:

a imagem-rainha é aquela  
que sobrevive ao sonho

– às vezes é possível  
recortá-la com palavras –

atravessa



e resta

o universo com um gesto

imagens que sobrevivem do  
naufrágio do mundo  
da imagem

(Krucken, 2022)

A provocação inicial da oficina foi fugir das apresentações formais. Todos então passamos a nos conhecer por imagens que íamos narrando e, em seguida, por palavras que elegemos para uma tentativa de comunicar imagens, como sugeriu Krucken.

Ali, então, fui conhecendo as “pessoas”: primeiro alguém se apresentou como uma “agulha” sob a imagem de quem costura no sentido de consertar, juntar. Agulha como instrumento de união, conforme descreveu Louise Bourgeois. Fui, mais tarde, atrás dessa citação, que muito me afetou:

A artista plástica Louise Bourgeois, conhecida por seu trabalho profundamente potente sobre o feminino, certa vez afirmou: “Quando eu estava crescendo, todas as mulheres em minha casa usavam agulhas. Sempre tive fascínio pela agulha, o poder mágico da agulha. A agulha é usada para consertar os danos. É um pedido de perdão. Nunca é agressiva” (Bourgeois, 2004[2] *apud* Primo; Moutinho, 2021).

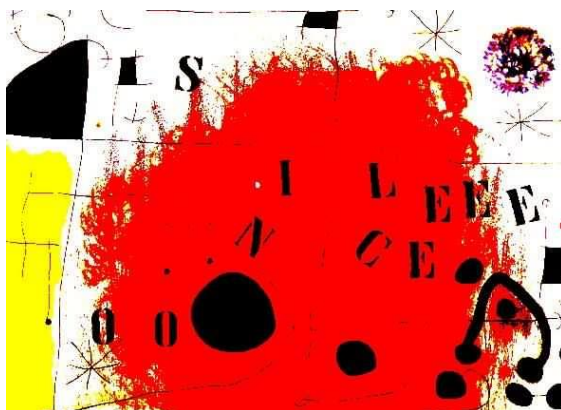
As palavras e as imagens foram aflorando em torno daquela mesa de trabalho em que nos posicionávamos em um círculo de trocas. A palavra “escova” despontou como instrumento de purificação para nossas palavras. Referências a Ponge, a Manoel de Barros e a outras tantas que divulgo aqui, misturadas às que carrego em mim, vão se transformando neste relato, porque as notícias que trago do mundo de lá têm o objetivo diverso e rizomático de gerar devires como nuvens que geram chuva; têm o objetivo de multiplicar as sensações, causar novas conexões e expandir encontros como esse para dar vazão aos fluxos de um rio que eu encontraria depois na disciplina *Arte, Ciência e Tecnologia*. As aulas ainda iam começar, à tarde, mas a verdade é que não existe propriamente um início para o que é rio, nem um final, pois suas águas nascem de um manancial preexistente e continuam no oceano de cada um de nós. Depois do encontro, mergulhei nas referências que ali se ofereceram e das quais fui me lembrando.



#### ESCOVA

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos (Barros, 2003).

Na busca que fiz sobre poeta francês Francis Ponge, até então desconhecido para mim, deparei-me com outra conexão: poesia e pintura saltando da tese de doutorado de Roseli Barbosa que, antes de tudo, começa com o pintor Miró:



Joan Miró: Silence – 1961. Fonte: Site *Famous Artist Gallery*

Tento aplicar cores como palavras  
que moldam poemas,  
como notas que moldam música.  
(Barbosa, 2011)

Nesse momento encontrei-me refletido nas palavras da pesquisadora:

Nossa hipótese é a de que Ponge se coloca como pintor, tenta observar e sentir como um pintor para escrever seus textos. De sua paleta de palavras saem todas as nuances da natureza.



(...)

As análises, em seu conjunto, revelam que Ponge é mais que espectador do mundo das artes plásticas, ele é artista plástico que se faz escritor (Barbosa, 2011 – grifo meu).

Na hora de se definir com palavras, conforme proposta de Lia Krucken na oficina, veio-me a palavra ALTER como o momento em que vivo: alterações climáticas, alteração do eu, metamorfoses e, em seguida, alguém lembrou de Alter do Chão, um nome bastante poético para quem habita sobre o maior aquífero do mundo. Começamos assim aquele dia: jorrando!

Rayane Barbosa, indígena Kaingang, trouxe a palavra “memória”, que disse ser fundamental para os povos originários. A morte de sua avó deixou-a mais fortalecida, “então ela não morreu”, disse Rayane lembrando que sua arte tem como fontes a avó e a memória. Todos nós fomos então ali postos diante da morte como um “tornar-se”. Trata-se de transformação, alteração, não um fim. Antônio Bispo vai dizer a mesma coisa dias depois desse encontro, em uma palestra na USP: “O povo quilombola é o início, o meio e o início. Não existe o fim. A avó é o início, a mãe é o meio e o filho é o início de novo” (Bispo, 2023).

A aula da disciplina *Arte, Ciência e Tecnologia* começou à tarde e ficamos sabendo que se daria em três blocos: Animais, Ervas, Minerais. A residência artística acontece no primeiro bloco e chama-se “seguir os sapos”. Esta notícia trata desse primeiro bloco, carinhosamente chamado por nós de “o bloco dos sapos”, conduzido em conjunto com a bióloga e pesquisadora Natália Aranha, Mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp.

Conheço poucas pessoas que dizem ter repugnância em relação aos sapos, e mesmo essas pessoas demonstram simpatia com a ideia desse animal. Talvez a possibilidade mágica de que um deles possa se tornar príncipe dance em nosso inconsciente desde que os irmãos Grimm publicaram essa fábula. Durante os encontros, vivenciamos os sapos tão fortemente que fomos a campo olhar para eles. Olhar com todo o corpo, com todos os sentidos.

À noite, entramos no brejo, sapos coaxando. A Terra mostrava sua força e nos chamava com firmeza enquanto atolávamos nossos pés. Surgia um medo ancestral de sermos sugados para o interior do planeta como que para expiar alguma culpa. Alguns de nós ficamos literalmente presos, com o chão levando embora nossos calçados. Ali, na escuridão da noite, percebíamos o quanto estávamos



sozinhos e quão grande é o nosso atrevimento de pensar que somos humanos e por isso “superiores”. Acho que esquecemos de *pedir licença* para adentrar aquela terra.

Eis o que a disciplina nos proporciona: a bruxaria de nos tornarmos, como num feitiço de príncipe que se torna sapo, animais, ervas e minerais; de percebermo-nos como mais um entre todas as “coisas”; de sentir, como nos diz Krenak, que tudo é *gente*. Ele nos conta que o rio Doce é avô do povo Krenak, que o rio é também uma pessoa. Eu não vejo assim, porque toda minha criação e formação foi para me ver como um homem superior a todos os outros seres, que não são pessoas. Agora estou reaprendendo a olhar as *pessoas* que formam a paisagem em torno de mim.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos (...). Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo. (Krenak, 2019 – grifo meu)

Diante de nós, durante a aula, abriu-se uma rica mesa com tesoura, cola, fitas, revistas. A disciplina *Arte, Ciência e Tecnologia* é esse encontro criativo de que nos fala Krenak e que é preciso manter. Fazendo uma floresta de papel, percebemos a grandiosidade do fazer em conjunto. É o “fazer-perceber floresta” que a professora Susana está nos levando a praticar (Dias, 2020). As leituras, então, emergem enquanto recortamos imagens fixadas em tempos outros e que agora se transformam em árvores entrelaçadas com o assunto estudado. Uma lanterna se transforma em espécie companheira (Haraway, 2022) diante de nossa necessidade tecnológica para entrar em um mundo diferente do que estamos acostumados. Uma tesoura funciona não para apenas cortar no sentido da destruição, mas um corte necessário para uma nova construção, funcionando como aquela “agulha de consertar danos” que surgiu na oficina de Lia Krucken. E os danos que vamos



consertando estão primeiro dentro da gente, e é isso que se vai evidenciando a cada pedaço de folha de revista que escolhemos para compor a nossa árvore. Fomos convocados a trabalhar em silêncio para melhor escutar os barulhos dos materiais. O farfalhar dos papéis ficou em torno de nós enquanto simplesmente “fazíamos”.

Escolhi como leitura prévia para a aula a “Ecologia e comportamento dos anfíbios”. O autor, David Kentwood Wells, interessou-se pela variedade de anfíbios enquanto viajava como bolsista pelo Canal do Panamá, em 1976. O que me chama a atenção no livro do biólogo são as preocupações que ultrapassam a mera classificação científica dos seres vivos, tais como: a quantidade de centímetros do animal ou a quantos decibéis chega o coaxar dos sapos. Claro que isso está em seu extenso tratado, mas a abertura dos capítulos traz citações literárias, assim como ele mesmo viaja pela literatura, desde o começo do livro, quando relata a gênese de seu interesse sobre os anfíbios. A *tecnologia* presente no nome da disciplina vai ao encontro desse relato de Wells. Ele conta que começou a escrever o livro no início dos anos 1980 e terminou em 2007. Nesse intervalo de tempo, ele passou das anotações em caderno para a máquina de escrever elétrica e, depois, para computadores. Suas pesquisas foram avançando de cadernos manuscritos à impressão de periódicos eletrônicos recentes, de desenhos à mão e fotos reveladas em salas escuras às imagens digitais de alta resolução. Nesse tempo também mudou a quantidade de informação disponível sobre os anfíbios e sobre ecologia. Quando começou sua pesquisa, a publicação mais recente era de 1931 (Wells, 2007 - *Preface*). Essa profusão de material dos últimos anos levou-o a lembrar-se de uma fabulação. E aqui está um ponto que muito me interessou.

A nossa formação por meio das histórias que nos contam antes de dormir e dos livros que lemos é muito potente, já que essas fabulações nos seguem por toda a vida. As histórias ficam dentro da gente, como sementes em incubação, e muitas delas vão germinar, tenras, em nosso pensamento; vão misturar-se em nossos sonhos; vão se transformar em riqueza, em abundância, em profusão e podem jorrar. Não percebemos isso muito bem, a não ser quando emergem lá do fundo da nossa alma, em algum lugar que julgávamos esquecido. A *arte*, que necessariamente faz parte do título da disciplina, parece, em geral, como um conceito distanciado de *tecnologia*. No meio disso tudo está a *ciência*, que tem se tornado um bicho ameaçador quando grafada com a letra maiúscula, como já nos mostrou Stengers (2017). Esse nome escolhido, portanto, *Arte, Ciência e Tecnologia*, lê-se como



um *diagrama-rio*, em que começamos com uma *nascente* arte, procuramos o entendimento do que aconteceu através das *correntezas* da ciência e, por fim, entregamos ao mar uma *foz* tecnologia. Não se trata, aqui, de enfatizar um ponto em detrimento dos outros, mas de apresentar um conjunto que trabalha como uma máquina em perpétua harmonia. O problema está em nos afastarmos do conjunto, declarando a humanidade como o centro dos acontecimentos. Fazemos parte de tudo, apenas isso. E só vamos *perceber fazendo*.

A fabulação de que Wells vai se lembrar é a personagem Rainha Vermelha, de Lewis Carroll: “Aqui neste país, Alice, você precisa correr o máximo que puder para permanecer no lugar” (Carroll, 2010). Era esse o sentimento do autor diante da profusão repentina de estudos publicados na rede mundial de computadores. Entre os biólogos, sabe-se que a *Rainha Vermelha* foi usada para designar uma teoria evolutiva para explicar situações na natureza em que duas espécies em competição evoluem em uma medida tal que a competição se mantém estável. Quanto mais rápido houver reprodução, mais a espécie poderá se manter existindo como tal. Então, como disse a Rainha Vermelha, quanto mais você correr, maior será a possibilidade de permanecer no mesmo lugar enquanto espécie (Iamarino, 2023). Lembramos, nessa fabulação, da *imagem-rainha* de Lia Krucken: é a imagem que fica. Essas *imagens-rainha* dos contos que nos chegam durante a vida seriam, então, sementes a partir das quais pode crescer longos delírios-árvores.

O capítulo sete de Wells, que trata da comunicação vocal dos anuros, começa com esses deliciosos delírios:

- *A nota de ninar do sapo vem da margem oposta, mais doce do que todas as outras... Essa canção foi comparada ao movimento lento de abertura da “Sonata ao Luar” de Beethoven. — Mary C. Dickerson, The Frog Book (1906).*
- *O som, que os livros científicos descrevem como “coaxar”, flutua por toda parte e produz um belo e misterioso efeito em uma noite tranquila, quando o último trabalhador de pés pesados voltou para casa para tomar seu chá, deixando o mundo para a escuridão e para mim. — W.H. Hudson, O Livro de um Naturalista (1919) (Wells, 2007 – tradução livre).*

Mesmo depois de iniciar o texto propriamente técnico, ele diz:

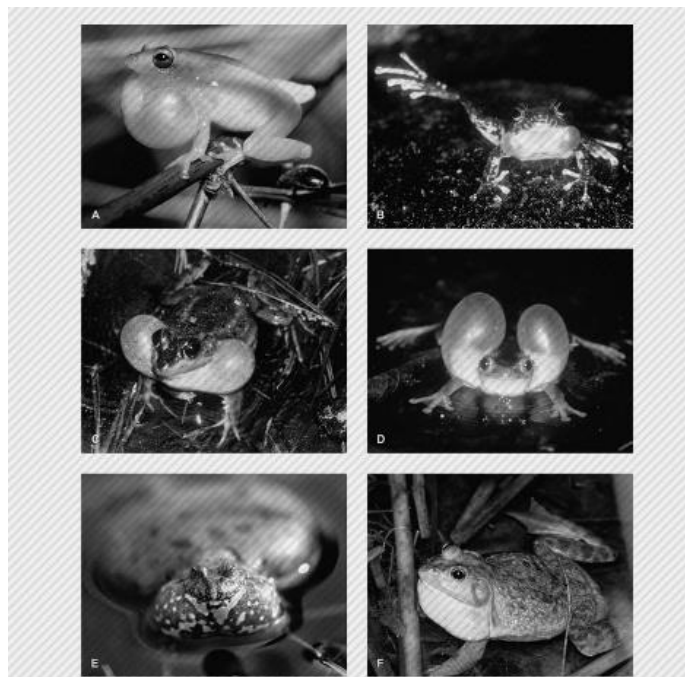
Julian Huxley (1927, 223) sugeriu que os cantos de uma rã são análogos aos cantos de um pássaro macho, sendo em parte “uma propaganda de sua masculinidade” e em parte “uma propaganda dos criadouros, uma vanglória de imóveis escolhidos.” No entanto, mesmo um observador relativamente confiável, como Mary Dickerson (1906, 35), achava que os sapos “sentem





alegria física e a expressam em canções” (Wells, 2007 – tradução livre, grifo meu).

Essas três citações alertam para a união entre *arte, ciência e tecnologia*. Na primeira citação, a música se faz inevitável. Se a música é considerada arte, os cantos dos sapos são arte, então são artes as nossas intenções, o sexo, a vida, a propaganda, tudo feito para afetarmos uns aos outros. Arte, artimanha, conhecimento, ciência, tecnologias usadas a favor de quem? Sempre uma alegria. Sempre um acesso. Há, porém, sempre a possibilidade de uma intencional colonização de tudo. A segunda citação leva-nos para as trevas de um trabalhador cansado que faz um chá e tem a escuridão para si ao sabor do coaxar dos sapos. Ao mesmo tempo que as trevas podem levar a um significado ruim – ainda mais porque junta-se à palavra “trabalhador”, que carrega significados não muito positivos – o texto nos lembra que elas estão ali em momento de descanso tanto para esse trabalhador como para o mundo. Logo imaginamos o planeta Terra também descansando, girando na escuridão do espaço sideral. E é aí que está esse trabalhador cansado: embalado no espaço pelos cantos dos sapos, Beethoven ao luar. Por fim, a pesquisadora Mary Dickerson vai dizer que os sapos sentem *alegria física* e expressam isso cantando. Dentro de mim estão momentos em que essa algazarra dos sapos se assemelha a uma verdadeira festa. Ouvir sapos é ouvir alegria de vida, para a vida, em um ambiente escuro, úmido, de brejo, que é um lugar de atolar, de afundar na terra. Parece um paradoxo, mas é apenas uma conexão entre meios.



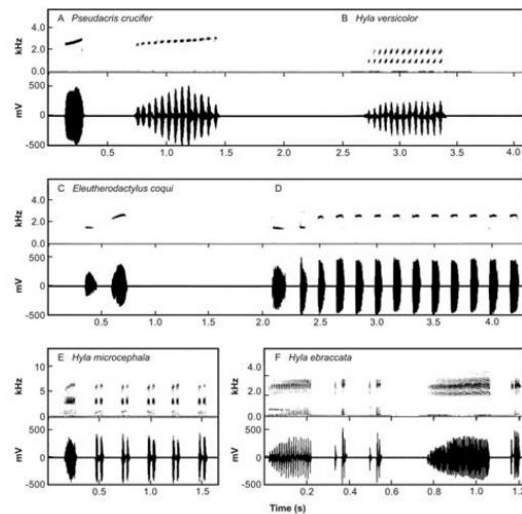
Anuros com saco vocal em ação. Fonte: Wells, 2007

Wells nos diz que a maioria dos relatos sobre a anatomia do saco vocal está focada mais nas implicações taxonômicas do que na significância funcional da variação estrutural. Interessante observar como está arraigada em nós essa sede de classificar tudo. Observa-se facilmente que os cientistas, nesse caso, estão mais preocupados com o encaixe dos seres nos “conceitos corretos” do que compreender as consequências das diferentes formações de cada ser. Classificar traz uma maior sensação de que o conhecimento avança. Lembro-me, nessa hora, da fala de Antônio Bispo: “desenvolver” é na verdade formado pelo prefixo DES ligado à palavra ENVOLVER (Bispo, 2023). Ao “desenvolver”, estamos nos distanciando do envolvimento. Da mesma forma, quando o pesquisador se preocupa com mais com a classificação, deixa de se *envolver* com a espécie que estuda. Wells nos alerta para o saco vocal dos sapos, que possui 3 formas básicas, mas classificam apenas como “interno” e “externo”. Ainda assim, isso, segundo o autor, é um equívoco, já que todos os sacos são internos (Wells, 2007, p.276).

Ao montar nossa instalação que encerra o primeiro bloco, fizemos árvores, reproduzimos chãos de papel e os sapos vão ficar escondidos, no ar, cantando numa escuridão cósmica, de acordo com a aproximação do sujeito humano, que enfrentará com uma lanterna a escuridão que forjamos na sala. Ao se aproximar demais, os sapos pararão de cantar. Durante a montagem, aprendemos muito sobre o som desses bichos que será usado na instalação sensorial.



Chapter Seven



Gráficos representando o som dos anuros. Fonte: Wells, 2007)

Aqui entra a fase final: Tecnologia. O biólogo João Pedro Thomaz, mestrando em Ecologia pela Unicamp, que atua com comunicação de anuros e gravou o som dos sapos para nossa instalação, me explica que, pelo desenho exibido na tela, é possível dizer qual é a espécie cantadora. Se aparece uma imagem mais clara por trás do canto do sapo, ele sabe que há um outro bicho ali, cantando também. Os desenhos tecnológicos permitem essa identificação de bichos, e isso, por algum motivo, me deixou muito feliz e com vontade de cantar alto. Quero cantar essa conquista da interação. O “conquistador” aqui nada tem a ver com a dominação, mas com as possibilidades de aumentar a potência de viver. Quero cantar com a arte, com a ciência e com a tecnologia que nos proporcionou criar todos esses instrumentos. Cantar com a alegria, com os sapos, que colocam no próprio corpo toda essa potência de festa. Quero cantar com o corpo, mas meu corpo é feito de letras e é aqui neste papel-tela que eu canto. Estas letras aqui dispostas são minha forma de cantar e fazer festa com esses sapos. Esse primeiro bloco da disciplina, aliás, conseguiu fazer isto: *uma festa animal*.

### Bibliografia

- BARBOSA, R. DE F. D. A. **No Atelier com Ponge**. Campinas: UNICAMP, 2011.
- BARROS, M. DE. **Memórias inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BISPO, A. **Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia**.



CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom – Florestas** [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>

HARAWAY, D. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

IAMARINO, Á. O que é Rainha Vermelha? **Blogs de Ciências da Unicamp**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/rainha/sobre/> . Acesso em 22 abr. 2023.

JAMES, W. **Pragmatismo e outros textos**. Tradução de Jorge Caetano da Silva; Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRUCKEN, L. **imagem-rainha**. 1. ed. Salvador-BA: Duna, 2022.

KRUCKEN, L. **Imagem do Instagram**. 2023. Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CpOCgkpJ3mGpTd\\_wOFt4kAvftjJNnSHlek4bgc0/](https://www.instagram.com/p/CpOCgkpJ3mGpTd_wOFt4kAvftjJNnSHlek4bgc0/)> Acesso em 22 abr. 2023.

MIRÓ. **Famous Art Gallery**. Disponível em <<http://www.famousartistsgallery.com/gallery/miro-si.html>> Acesso em 22 abr. 2023.

PRIMO, J.; MOUTINHO, M. Teoria e prática da Sociomuseologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. livro\_02, 2021.

SARTI, S. Trilogia da vida. **CLIMACOM - Cultura Científica**, 2020.

STENGERS, I. Reativar o animismo. **Caderno de Leituras nº 62**, p. 1–15, maio 2017.

WELLS, K. D. **The ecology and behaviours of amphibians**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007.

---

[1] Mestrando em Divulgação Científica e Cultural no Labjor-IEL-Unicamp. Email: [fauthwallace@gmail.com](mailto:fauthwallace@gmail.com)

[2] BOURGEOIS, L. *Desconstrução do pai, reconstrução do pai: escritos e entrevistas 1923-1997*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.